

Krauze e a travessia liberal ameaçada

Adelto Gonçalves

Quem em sua juventude apaixonou-se por ideologias políticas e sociais, acreditou na inevitabilidade da luta de classes, leu Trotsky, Sartre, Camus, os filósofos da Escola de Frankfurt, George Woodcock, Hans Magnus Enzensberger e o curto verão da anarquia de Buenaventura Durruti, surpreendeu-se com o *Arquipélago Gulag*, de Solzhenitsyn, desencantou-se com Fidel Castro, acompanhou a guinada do pensamento de Mario Vargas Llosa, assinou a revista mexicana *Vuelta* nos anos 80 e 90, vibrou com os textos de Gabriel Zaid e, principalmente, de Octavio Paz, diretor da publicação, solidarizou-se com Gorbachov e a *perestroika*, e, na maturidade, aproximou-se do liberalismo moral sem compactuar com o darwinismo social da direita norte-americana, não pode deixar de ler *Travesia liberal: del fin de la historia a la historia sin fin*, de Enrique Krauze, que saiu em Barcelona pela Tusquets Editores.

Editor-responsável de *Vuelta* desde 1981 até o seu desaparecimento em 1999 e hoje diretor da *Letras Libres*, Krauze, 55 anos, nascido na cidade do México, engenheiro industrial e doutor em História, reuniu neste livro algumas das mais importantes entrevistas que fez para a primeira revista, de Jorge Luís Borges, Isaiah Berlin, Leszek Kolakowski e Joseph Maier a Hugh Thomas, Uehuda Amihai e Bernard Lewis. Mas não só de entrevistas compõe-se esta obra memorável: são vários os ensaios em que Krauze, seguindo a trilha de Paz e Zaid, discute temas apaixonantes, partes inseparáveis da História do século XX que, por sua transcendência, fazem da tentativa de resumi-los uma missão quase impossível.

Inesquecível é a entrevista que Krauze fez com Isaiah Berlin, publicada em *Vuelta* em março de 1982, em que o grande historiador das idéias defende a importância do papel do indivíduo na História. “Sem Churchill em 1940, possivelmente a invasão alemã da Grã Bretanha haveria triunfado, ao menos a curto prazo. Parece-me evidente que, se Hitler não tivesse metido na cabeça atacar a Rússia, Europa seria hoje muito distinta. Está claro que as pessoas não podem atuar contra circunstâncias rígidas; deve haver, por certo, condições que possibilitem certas operações particulares; e o homem que importa é o que aproveita de alguma forma os fatores implicados, seja de maneira instintiva, seja mediante a razão”, dizia o filósofo de Oxford.

De abril de 1985 é a entrevista com o polonês Leszek Kolakowski, filósofo e historiador da filosofia, um dos grandes pensadores – no sentido clássico – do Ocidente. Formado no marxismo heterodoxo, ele decepcionou-se com o sistema comunista logo depois do célebre discurso em que Krushev denunciou os crimes de Stalin e da rebelião de 1956 em Budapeste, tornando-se o inimigo público número um do governo polaco. Exilado, levou uma vida errante entre as universidades de McGill, Yale e Berkeley, até estabelecer-se finalmente em duas instituições: a Universidade de Chicago e a de Oxford. Para Kolakowski, não há razões para crer que o comunismo despótico e totalitário do tipo soviético não era o comunismo em que pensava Marx.

“Todo o projeto (de Marx) de uma sociedade perfeita apontava para a centralização de todos os meios produtivos e distributivos em mãos do Estado: a nacionalização universal. Nacionalizar tudo implica em nacionalizar as pessoas. E nacionalizar as pessoas pode conduzir à escravidão”, dizia o filósofo, lembrando que, ainda no século XIX, Proudhon dizia que o comunismo significava, de fato, o Estado proprietário das vidas humanas. “Foi Bakunin quem predisse que o socialismo de Marx conduziria ao reino despótico dos falsos representantes da classe trabalhadora, que apenas substituiriam a antiga classe dominante para impor uma tirania nova e mais rígida”, acrescentava.

Quem lê essas palavras de Kolakowski e, hoje no Brasil, observa o comportamento de algumas figuras que cercam o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, oriundos do antigo Partido Comunista Brasileiro e agremiações afins, constata que essa gente ainda não perdeu o vezo autoritário, acostumada a ditar ordens e vê-las cumpridas sem questionamentos. Infelizmente, conclui-se que, se esses homens tivessem chegado ao poder pelas armas nos anos 60 ou 70, o Brasil não teria tido destino melhor, o que, porém, não significa compactuar com o que fez a ditadura sanguinária inaugurada em 1964.

Outra entrevista histórica, de dezembro de 1984, é a que Krauze fez com Joseph Maier, à época um dos últimos sobreviventes do Instituto de Investigações Sociais, a famosa Escola de Frankfurt, cujos representantes principais – Max Horkheimer, Herbert Marcuse e Theodor Adorno – exerceram uma profunda influência sobre a esquerda ocidental a partir da década de 60.

Judeu filho de poloneses que chegaram ao México nos anos 30, Krauze acercou-se, por intermédio de Maier, de autores que, próximos dos pensadores da Escola de Frankfurt,

pertenceram a mesma geração: Gershom Scholem, Walter Benjamin e Hannah Arendt. “Nas investigações históricas de Scholem sobre o misticismo judeu, nas iluminações de Benjamin sobre arte, literatura e sociedade, nos livros de Hannah Arendt sobre a revolução e o totalitarismo, encontrei caminhos intelectuais infinitamente mais ricos e abertos que as fechadas utopias que intoxicaram a minha geração”, testemunha Krauze.

Um ensaio imperdível é “El otro milagro” em que Krauze estabelece quatro paradigmas históricos para o atraso da América Latina que, felizmente, a partir de 1989, entraram em crise: o militarismo, o marxismo revolucionário e universitário, o caudilhismo populista e a economia estatizada e fechada. Como se sabe, esses paradigmas não estão mortos, apenas dormem à espera de que a sociedade civil se deixe enganar mais uma vez, o que pode acontecer se a América Latina desencantar-se com a sua modernização frustrada.

Segundo Krauze, um onipresente fator externo incide sobre o processo de abertura econômica na América Latina: o protecionismo dos Estados Unidos e dos países europeus dispostos a defender “a mão invisível” de Adam Smith portas adentro, mas ainda mais dispostos a meter a mão em favor de agricultores ineficientes com subsídios que afetam severamente o produtor latino-americano. Concentrados agora no Oriente Médio, os Estados Unidos continuam descuidando dos países americanos.

Ao fazê-lo, para Krauze, não apenas cometem uma injustiça, mas um erro. A adoção da democracia liberal e do livre mercado pela América Latina é, no fundo, apenas um ensaio, uma intenção de convergência com os Estados Unidos que se pode reverter, em pouco tempo, com conseqüências terríveis: rompimento da vida política institucional, retorno à violência. “E os norte-americanos olhariam de novo a região com a irresponsável candidez e desprezo que os caracterizam, perguntando: o que aconteceu?”

Em “Ilusões pacifistas”, porém, Krauze não condena o ataque norte-americano ao Iraque na seqüência dos fatos deflagrados com o 11 de Setembro de 2001, lembrando que se a Grã Bretanha tivesse enfrentado Hitler preventivamente em 1938, a Segunda Guerra Mundial teria sido evitada. Saddam Hussein não é Hitler nem Stalin, observa, mas o “pacifismo puro” – como o chamava George Orwell – em torno da guerra do Iraque esconde, como em 1991, perguntas incômodas.

Em 1991, se Bush pai não tivesse agido, Hussein passaria a controlar 9% do petróleo mundial e estenderia seu domínio sobre os demais países da área com um novo

califado petroleiro em Bagdá. Em 2003, Bush filho dispôs-se a completar o serviço. Em troca, houve a matança de 11 de Março em Madri e, hoje, a Europa vive dias de apreensão diante da possibilidade de novos atentados.

Teme-se, agora, que os Estados Unidos pretendam ir à forra outra vez, mesmo correndo o risco de arrasar os regimes moderados do Paquistão, Arábia Saudita, Emirados Árabes e Egito. Para Krauze, um novo ataque pode tornar realidade a profecia de Samuel Huntington sobre o choque de civilizações com que Bin Laden tanto sonha. O mundo parece hoje num beco sem saída.

TRAVESIA LIBERAL: DEL FIN DE LA HISTORIA A LA HISTORIA SIN FIN, de Enrique Krauze. Barcelona, Tusquets Editores, 2003, 448 págs. E-mail: promocion@tusquets-editores.es

Adelto Gonçalves, doutor em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo, é autor de *Gonzaga, um Poeta do Iluminismo* (Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1999), *Barcelona Brasileira* (Lisboa, Nova Arrancada, 1999; São Paulo, Publisher Brasil, 2002) e *Bocage – o Perfil Perdido* (Lisboa, Caminho, 2003). E-mail: marilizadelto@uol.com.br